



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Jornal de Piracicaba

Data: 22/10/2015

Caderno/Link: Capa + A3

Assunto: Antiga Fábrica de Tecidos e Luiz de Queiroz

RENATA GAVA

Antiga Fábrica de Tecidos

Pesquisando artigos em jornais antigos da cidade, li uma nota escrita por uma aluna da então Escola Luiz de Queiroz, atual Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz)... **A 3**

Antiga Fábrica de Tecidos e Luiz de Queiroz

Renata
Gava



É historiadora

Pesquisando artigos em jornais antigos da cidade, li uma nota escrita por uma aluna da então Escola Luiz de Queiroz, atual Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), publicada em 1900, em que é abordada a antiga Fábrica de Tecidos Santa Francisca, descrita pela aluna da seguinte forma (com a grafia usada na época): “quem, ao cair da tarde, se dirige às margens do rio Piracicaba, e demora a vista no grandioso espectáculo que de qualquer parte elle oferece, - não deixa de notar, na margem esquerda desse rio, o edificio da fabrica de tecidos Santa Francisca. Não é um edificio sumptuoso, não prende a attenção o seu trabalho artistico, não tem architectura custosa, nem colunatas, nem ogivas, não tem frontespicios a trabalhosos labores ou delicados rendilhados, mas ante elle o passeante deve descobrir-se com respeito, porque é uma Synagoga do trabalho, que à sua sombra augusta e sagrada abriga dos rigores do infortunio famílias e famílias, a quem distribue o trabalho do qual a recompensa é o bem estar, o socego e a paz de muitos lares”.

E assim permanece para muitos. Apesar de não se tratar de uma fábrica de estruturas gigantescas, faz parte da história da maioria das famílias piracicabanas.

Aproveitando da força hidráulica, Luiz de Queiroz instalou a fábrica de tecidos Santa Francisca próximo ao salto do rio Piracicaba. A fábrica era fortemente equipada. As máquinas foram trazidas da Inglaterra e os operários, da Bélgica. Importou e aclimatizou novas variedades de mudas de algodão, vindas do Egito e da América do Norte, para a sua plantação e a de seus fornecedores. Para o transporte de sua produção de tecidos, adquiriu barcos para navegação nos rios Piracicaba e Tietê.

Em 1876, operava com cinquenta teares e setenta operários. Os mais especialistas eram europeus. A produção era de seiscentos a setecentos mil metros de algodão, enviados aos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Além de suas fazendas, recebia matéria-prima de Santa Bárbara d'Oeste, Sorocaba, Tietê e Tatuí.

A fábrica é considerada o primeiro grande estabelecimento industrial de Piracicaba, sen-

do, na época, um dos maiores no interior paulista. No auge de suas atividades de fiação e tecelagem, empregou quatrocentos e vinte operários, índice expressivo considerando o número de habitantes na cidade, que chegava a 25 mil. Das famílias que moravam na região central, Rua do Porto, Vila Rezende, enquanto a maioria dos homens trabalhava no Engenho Central de Piracicaba e na Dedini, suas mulheres e filhos trabalhavam em turnos e contraturnos na fábrica de tecidos.

Empreendedor, Luiz de Queiroz, somando o sufrágio de seus fornecedores quando seus algodoais pereceram por pragas e moléstias desconhecidas e o grande sonho em instalar um estabelecimento de ensino técnico que subsidiasse qualidade na produção de matéria-prima, forma a Escola Prática de Agricultura, atual Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo, viabilizada em 1901.

Descendente de monarquistas, Luiz de Queiroz partidário a ideais republicanos e contrário à escravidão, não empregou braços escravos em suas propriedades e auxiliou, com orientação e dinheiro, escravos foragidos. Construiu casas para seus operários, arborizou praças e ruas.

Um dos maiores empreendedores que Piracicaba teve, contribuiu muito para o desenvolvimento da cidade com a instalação da Fábrica de Tecidos Santa Francisca e da Escola Prática de Agricultura. Inseriu iluminação elétrica, conhecendo a cidade, luz elétrica muito antes da capital paulista e, em 1882, instalou postes e fios telefônicos que ligavam a tecelagem à fazenda Santa Genebra, de sua propriedade.

Em 1897, Luiz de Queiroz vende a Fábrica para o Banco da República, atual do Brasil. Em 1902, Rodolpho Miranda a compra, e a tecelagem passa se denominar Fábrica de Tecidos Arethusina. Em 1912, a Fábrica foi vendida para a Sociedade Anônima Manufactora Piracicabana e em 18 de março de 1918 passou a pertencer à Boyes e Cia, a qual entrou em falência no início de 2000.

